

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, GEOCIÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

FELIPE SAITO DE FREITAS

**PROPOSTA DE TRILHA INTERPRETATIVA COMO
METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE DE MUDANÇAS
NA PAISAGEM DO PARQUE DO SABIÁ, UBERLÂNDIA – MG**

Uberlândia-MG

2026

FELIPE SAITO DE FREITAS

**Proposta de trilha interpretativa como
metodologia de ensino de Geografia: análise de mudanças na
paisagem do Parque do Sabiá, Uberlândia-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de graduado em licenciatura em Geografia.

Uberlândia-MG, 19 de março de 2026.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Amanda Regina Gonçalves (IGESC/UFU) - Orientadora

Profa. Dra. Maria Beatriz Junqueira Bernardes (IGESC/UFU)

Profa. Dra. Suely Aparecida Gomes (Escola de Aplicação - ESEBA/UFU)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a tudo que existe em mim, toda força e motivação que me regem e me atravessam de certa forma e que me trouxe até aqui nesta etapa encerrando este ciclo. Sou extremamente grato também à minha mãe Solange, minha avó Anésia, minha tia Beatris e minha irmã Mariana, que foram mulheres gigantes em minha vida e que tiveram um papel muito importante na formação de quem sou hoje e que me mostraram a importância de valorizar a educação como um pilar de libertação e sustentação de valores para com a sociedade. Gostaria de citar uma frase que minha avó sempre me falava desde criança que é que “se tem algo que ninguém pode tirar de você, é o conhecimento” e agora aqui concretizo e confirmo, pois tenho a certeza de que tudo que aprendi e que me moldou como ser humano dentro da universidade, jamais será esquecido ou apagado dentro de mim.

Agradeço ao meu irmão Vinícius que sempre esteve ao meu lado desde o primeiro dia da minha vida.

Agradeço aos meus amigos Marcos Vinícius e Lara que mesmo antes da vida acadêmica de ambos se tornarem realidade, estávamos juntos almejando este futuro, batalhando de mãos dadas e nos apoiando acima de qualquer coisa.

Sou extremamente grato também aos meus amigos Gabrielly, Matheus e Henrique que foram pessoas que sempre estiveram ao meu lado durante toda esta trajetória universitária e que viveram momentos inesquecíveis comigo e com isso guardo um amor imenso por todos eles.

Agradeço à minha amiga Anna Beatriz que viveu junto comigo toda a jornada da graduação, com quem tive trocas imensuráveis e que foram essenciais para a sustentação do meu período como estudante do curso de Geografia.

Agradeço ao Lucas, uma pessoa que foi muito importante nesta etapa final da minha graduação e que sempre me mostrou dar o suporte que fosse preciso para qualquer coisa. Por último, tenho uma eterna gratidão a todos os professores que passaram por toda a minha caminhada como estudante desde o primeiro dia em que pisei em uma sala de aula, no qual tenho a certeza que cada um destes educadores me ajudou a construir o professor que estou me tornando, e um agradecimento especial a minha professora e orientadora Profa. Amanda Regina Gonçalves que me mostrou diversos ensinamentos não só durante a graduação como agora finalizando esta etapa.

RESUMO

A utilização de trilha interpretativa como metodologia de ensino de Geografia, a partir do estudo das mudanças na paisagem do Parque do Sabiá, em Uberlândia-MG, é o eixo central desse trabalho, o qual foi desenvolvido com fundamentação na articulação entre teoria e prática na área de ensino de Geografia. Trata da apresentação de uma proposta didática de elaboração de uma trilha interpretativa com quatro pontos de observação, utilizando fotografias históricas e atuais para comparar processos de urbanização, alterações ambientais e intervenções humanas no espaço urbano ao longo das décadas. Tal proposta partiu da realização de um projeto de extensão realizado com uma turma de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, composta por aulas teóricas antes e após uma aula em campo no referido parque e a visita junto aos alunos no parque, com o objetivo principal de ensiná-los a desenvolver análises das transformações da paisagem do parque e entorno, sobretudo em relação às mudanças sociais e ambientais observadas nos espaços. Os resultados evidenciam que a aula de campo, mediada pela metodologia de trilha interpretativa, potencializa o processo de ensino-aprendizagem ao estimular a observação sistemática, o pensamento crítico e o sentimento de pertencimento dos estudantes em relação ao espaço vivido. Conclui-se que o uso pedagógico de visitas a áreas verdes urbanas, como o Parque do Sabiá, constitui estratégia eficaz para o ensino de Geografia, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes das dinâmicas socioambientais contemporâneas.

Palavras-chave: Trilhas Interpretativas; Ensino de Geografia; Espaço Urbano; Paisagem; Sociedade-Natureza.

ABSTRACT

The use of interpretive trails as a teaching methodology for Geography, based on the study of changes in the landscape of Parque do Sabiá, in Uberlândia-MG, is the central focus of this work, which was developed with a foundation in the articulation between theory and practice in the area of Geography teaching. It deals with the presentation of a didactic proposal for the elaboration of an interpretive trail with four observation points, using historical and current photographs to compare urbanization processes, environmental changes, and human interventions in the urban space over the decades. This proposal stemmed from an extension project carried out with a class of 6th-grade elementary school students, consisting of theoretical classes before and after a field trip to the park and a visit with the students to the park, with the main objective of teaching them to develop analyses of the transformations of the park's landscape and surroundings, especially in relation to the social and environmental changes observed in the spaces. The results show that field trips, mediated by the interpretive trail methodology, enhance the teaching-learning process by stimulating systematic observation, critical thinking, and a sense of belonging among students in relation to the lived space. It is concluded that the pedagogical use of visits to urban green areas, such as Parque do Sabiá, constitutes an effective strategy for teaching Geography, contributing to the formation of critical and conscious individuals aware of contemporary socio-environmental dynamics.

Keywords: Interpretive Trails; Geography Teaching; Urban Space; Landscape; Society-Nature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da cidade de Uberlândia-MG com destaque em verde no Parque do Sabiá.	16
Figura 2 – Imagem do Parque do Sabiá, em Uberlândia-MG, com indicação da trilha e dos pontos interpretativos para análise geográfica das paisagens	21
Figura 3 – Trecho da trilha no Parque do Sabiá, em Uberlândia-MG.....	22
Figura 4 – Mapeamento dos parques urbanos em Uberlândia-MG.....	24
Figuras 5 e 6 – Comparação da área de várzea em trilha no Parque do Sabiá no ano de 1980 e no ano de 2021	26
Figuras 7 e 8 – Comparação do Parque do Sabiá no ano de 1980 e no ano de 2021	28
Figuras 9 e 10 – Comparação da área em torno do Complexo do Parque do Sabiá no ano de 1982 e no ano de 2024.	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	A IMPORTÂNCIA DO ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA NA RELAÇÃO SOCIEDADE E NATUREZA	8
3	ESPAÇO GEOGRÁFICO, URBANIZAÇÃO E MEIO AMBIENTE: CONTRIBUIÇÕES PARA O PENSAMENTO CRÍTICO EM SALA DE AULA.....	10
4	O PARQUE DO SÁBIA E A CONCEPÇÃO DE TRILHAS INTERPRETATIVAS.....	15
5	UMA PROPOSTA DE TRILHA INTERPRETATIVA E O ESTUDO DE MUDANÇAS DA PAISAGEM DO PARQUE DO SABIÁ.....	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
7	REFERÊNCIAS	35

1. Introdução

O presente estudo versa sobre a questão ambiental e o ensino de Geografia a partir do recorte de áreas verdes municipais, baseado num projeto educacional elaborado sobre um parque ambiental localizado em Uberlândia-MG e um trabalho de campo neste parque realizado com uma turma de alunos de sexto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Uberlândia-MG, que serviu de base para construção de uma proposta de uma trilha interpretativa no Parque do Sabiá, em Uberlândia-MG.

O trabalho busca o debate sobre a relevância do estudo de parques urbanos na Geografia Escolar evidenciando o processo de elaboração de uma proposta de ensino de Geografia por meio de trilhas interpretativas. Esse processo foi realizado ao longo de um conjunto de quatro disciplinas do Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Uberlândia, intituladas “Projeto Interdisciplinar I, II e III” (Prointer) e “Seminário Institucional das Licenciaturas” (Seilic)¹. Tratou-se de um projeto educacional com abordagem interdisciplinar integrando ensino, pesquisa e extensão, concernente à profissão da docência e processos e objetos de ensino e aprendizagem no campo da Geografia Escolar, envolvendo uma ação educativa junto a uma instituição de ensino e sujeitos dessa comunidade escolar.

Esse estudo busca contribuir com o ensino de Geografia no Ensino Fundamental, principalmente no que diz respeito a determinadas orientações da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), como a terceira “competência específica de ciências humanas para o ensino fundamental”:

Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social (Brasil, 2018, p. 357).

¹ As atividades do projeto iniciadas nessas disciplinas, foram realizadas em grupo, juntamente com os membros Anna Beatriz Pereira dos Santos, Caio Rodrigues Vieira, Leonardo Lutgens Expedito e Luiz Otavio Oliveira. Além dos demais grupos de alunos matriculados nessas disciplinas (no período de setembro de 2022 a abril de 2024) que desenvolveram o projeto sobre o Parque do Sabiá e outros parques do Município de Uberlândia e em parceria com diferentes escolas estaduais aí localizadas.

Quanto às habilidades que o trabalho agrega, destacam-se duas habilidades destinadas ao sexto ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, sendo elas (Brasil, 2018, p. 385):

(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.

(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.

Algumas questões nortearam esse estudo, como: Como a Geografia Escolar pode trabalhar o estudo da paisagem para além do visível? De que maneira a proposta metodológica de Trilha Interpretativa pode contribuir com o processo de ensino e aprendizagem sobre a relação sociedade e natureza e as mudanças da paisagem urbana?

Quanto à metodologia, o trabalho baseia-se em estudos bibliográficos, pesquisa documental sobre o parque, visitas prévias à área de estudo e em uma experiência prática de ensino realizada com uma turma de alunos do 6º ano de uma escola pública, composta tanto por aula teórica quanto prática no campo. Como objetivo, o trabalho apresenta uma proposta de trilha interpretativa no Parque do Sabiá, em Uberlândia-MG, com o objetivo de oferecer aos professores da educação básica uma possibilidade de desenvolver aulas de campo no referido parque ou mesmo processos de ensino de Geografia em sala de aula.

2. A importância do ensino-aprendizagem em Geografia na relação sociedade e natureza

É inevitável pensar na abrangência das possibilidades de estudos de áreas que conectam a população e o meio ambiente. E, ao se tratar de parques ambientais urbanos, as pesquisas podem ainda se multiplicar, visto que, tais espaços abrangem diversos aspectos que vão desde questões relacionadas ao meio físico, o biológico até os aspectos afetivos.

Do conteúdo aprendido em sala de aula, para o ambiente *in loco*, inúmeras dimensões podem ter melhor aproveitamento com a realização de aulas em campo. Ao se realizar a integração de conteúdos estudados em sala com a interação com o espaço em aula prática, gera-se uma evidência de aspectos e particularidades da vivência de cada aluno com as mais distintas características e dinâmicas do ambiente, contribuindo para uma aprendizagem mais ampla e contextualizada.

O processo de **observação** como um dos cinco sentidos do corpo humano, deve ganhar importância para a construção do conhecimento, uma vez que por meio do ato de observar intermediado pelo uso de técnicas e instrumentalização o aluno deve praticar a análise integrada com uma articulação orientada pelos conceitos aprendidos em sala de aula, fazendo relação entre os fatos observados (Venturi, 2008).

A observação é um dos sentidos mais antigos utilizados pelo ser humano, uma vez que grande parte da vida em função de compreender a realidade com o que se obtém dela. Luis A. B. Venturi (2008) lembra que se classifica como dois tipos: a observação aleatória e a sistemática. A primeira é aquela observação que não se tem o compromisso de chegar a algo, seja uma resposta ou um resultado, mas sim, focada no que se está vendo no momento, no qual os fatos dependerão da atenção que se é dada no ato, sendo influenciada pelo interesse do observador. Ela contribui de certo modo para o conhecimento científico por meio do surgimento de ideias, não sendo suficientes para a pesquisa e dependendo de uma observação mais controlada.

A observação sistemática, por sua vez, segundo Venturi (2008), pode ser interpretada como uma técnica que se orienta pelo método analítico descritivo, sendo geradora de bases necessárias para explicações, e, portanto, deve ser considerada uma técnica primordial para a construção do conhecimento científico.

De acordo com Venturi (2008), o **campo** é onde são formados os dados primários no qual eles se confirmam ou se moldam aos secundários, dados estes que podem colaborar ou não para conceitos e hipóteses científicas.

A aula de campo é acompanhada de um conjunto de atividades que precisam ser considerados metodologicamente. Por exemplo, o que se estuda em sala de aula, precisa ter a conectividade com o ambiente da aula em campo, para que o aluno possa atribuir significados tanto àquilo que estava representado nos livros e materiais que teve contato na escola quanto ao que é observado e vivenciado no campo.

[...] Além da fuga das paredes escolares (fundamental, sadia e necessária), que já serve como uma motivação para o trabalho e para o surgimento de interesse, o estudo de caso específico tem como retorno imediato a atribuição de significado ao conteúdo que está sendo estudado (Farina; Guadagnin, 2007, p. 118).

É importante ressaltar que a aula de campo como uma metodologia de ensino não retira e nem substitui a importância da construção do conhecimento por meio da leitura, da realização de análises e sínteses, baseadas em conhecimentos geográficos escolares,

historicamente produzidos e elaborados para fins de aprendizagem escolar e desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos. A prática em campo pode ser entendida como uma estratégia mediadora entre o que é estudado em sala de aula, em busca da construção daquilo que se pretende ensinar, criando no aluno a capacidade de estabelecer conexões entre os conteúdos e as observações, gerando a habilidade de pensar e refletir, visto que, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 22).

A Geografia pode ser compreendida, de modo geral, como sendo um conjunto de conhecimentos que buscam a compreensão das relações entre a sociedade e o meio ambiente, diferente, portanto, de disciplinas escolares que se dividem e verticalizam seus conteúdos em sociais ou naturais.

Acreditar que as múltiplas possibilidades analíticas da Geografia nos permitem observar seus tópicos de maneira interligada entre os conceitos, nos dá como resposta uma Geografia interdisciplinar, auxiliando e facilitando a busca do saber da dinâmica dos lugares.

Concordamos com Dirce Suertegaray, para a qual a interdisciplinaridade colabora para a leitura geográfica dos objetos de estudos e da diversidade de tópicos a serem discutidos:

Finalmente, de nosso ponto de vista, interdisciplinaridade constitui uma prática coletiva, surge da organização em grupo, hoje em rede, e tem como objetivo a busca da compreensão/explicação de um problema formulado pelo conjunto dos investigadores. O trabalho interdisciplinar vai exigir um rompimento com os problemas específicos de cada campo, colocando na pauta da pesquisa questões de estruturação mais complexa (Suertegaray, 2003, p. 51).

3. Espaço geográfico, urbanização e meio ambiente: contribuições para o pensamento crítico em sala de aula

A periodização da relação do homem com a natureza realizada por Milton Santos expõe as diversas **transformações socioespaciais**, possibilitando um pensamento crítico sobre o que é a natureza atualmente.

Com o passar do tempo e as mudanças no espaço que ocorrem a todo momento, é importante se pensar nos diferentes processos de ensino e aprendizagem que podem ser utilizados no ambiente escolar, para que o professor e o aluno encontrem maneiras de se trabalhar a construção do conhecimento.

Assim, para o entendimento das mudanças, pode-se pensar o espaço geográfico como um meio de diversas dimensões que se ligam entre si, sendo necessário considerar conceitos como paisagem, região, território e lugar para a compreensão dessas transformações que (re)configuram os espaços. Portanto, é lógica a caracterização do espaço geográfico como algo mutável e dinâmico, cujas expressões podem ser melhor compreendidas a partir de análises conceituais.

Diante das diversas alterações nas técnicas de produção e na organização do trabalho, sobretudo, aquilo que envolve questões teórico-metodológicas, Milton Santos vai propor uma análise que podemos utilizar para o estudo das transformações espaciais baseada em três períodos que marcam essa lógica organizacional de como o pensamento e a ação deixam marcas no espaço ao longo do tempo.

Conforme Santos (2009, p. 29) “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. Pode-se acrescentar ainda que as técnicas, segundo esse autor “funcionam como sistemas que marcam as diversas épocas”, devendo ser “examinadas através de sua própria história e vistas não apenas no seu aspecto material, mas também nos seus aspectos imateriais” (Santos, 2009, p. 24).

Sendo assim, Milton Santos (2009) fala de um primeiro *período natural*, quando se tem a valorização e a necessidade do trabalho junto as condições naturais, sendo a mesma insubstituível, visto ser o único meio de construção até o dito momento, não havendo outros meios de mediação. Com o passar do tempo, quando o homem atribui à natureza meios e condições para organizá-la de certa maneira, Santos vai denominar de *período técnico*, pois, é quando objetos passam a ter a funcionalidade técnica, além da cultural, logo os espaços agora se distinguem através da técnica pelas suas especificidades, de modo que o homem atribui novo significado e/ou funcionalidade para as coisas naturais, gerando uma mecanização dos objetos que ordenará o espaço geográfico, por sua vez intensificando a divisão internacional do trabalho evidenciando problemáticas econômicas e socioambientais (Santos, 2009, p. 236).

Por fim, Santos vai mencionar o terceiro e atual período no qual vivenciamos até os dias atuais, denominado de *período técnico-científico-informacional*, que teve seu aprofundamento a partir dos anos de 1970, um marco no qual a ciência juntamente à informação se aliam à técnica reorganizando todo o espaço geográfico, são tempos que são marcados pela ágil fluidez de tudo que envolve desde o pensamento até os objetos de

construção do espaço, incluindo até mesmo a fluidez de pessoas, criando uma interconexão dos espaços, mesmo que não haja uma homogeneização entre os espaços ou daquilo que são os instrumentos da sua mudança (Santos, 2009; Silveira, 2002).

O ensino de Geografia na escola ganha grande importância diante da necessidade de compreensão deste último período que vivenciamos, pois, com a técnica, ciência e informação surge a reorganização dos espaços e novos significados atribuídos a diversos processos, formando uma dinâmica num mundo de globalizações, a qual segue a lógica do capital, gerando a necessidade dessas mudanças serem observadas pelos sujeitos estudantes por meio de novas metodologias e formas de se pensar os objetos e as ações nos espaços.

Além dos usos do espaço cada vez mais dinâmicos, para compreendê-lo de forma mais ampla em relação à sua complexidade, faz-se necessário pensar que a sociedade e o espaço são hegemonicamente transformados segundo a lógica capitalista.

Diante disso, é importante que o ensino da Geografia busque desenvolver análises e sínteses que permitam o aluno pensar a partir do espaço-tempo presente, pois “para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos” (Santos, 1998, p. 121).

O estudo de José E. dos Santos e Valmaria L. da Costa Santos (2011) trouxe importantes contribuições que auxiliam o trabalho no ensino de Geografia e o período técnico-científico-informacional, especialmente sobre as transformações da estrutura socioespacial, portanto para o desenvolvimento deste estudo.

Com o presente modo organizacional sob a técnica, ciência e informação, surge a necessidade da tomada de consciência de diversas problemáticas que são evidenciadas neste período até os dias atuais, como questões que colocam em pauta até mesmo a continuidade da possibilidade de vida para o ser humano, que se atrelam a problemas socioambientais e de desigualdade entre os seres, ficando clara a lógica capitalista que se é seguida, de forma que problemáticas são geradas ou são deixadas de lados, e que, quando se busca adotar alternativas e meios, muitas vezes esses pouco solucionam os problemas (Santos e Santos, 2011).

Quando se objetiva trazer esse conteúdo para a sala de aula, e preocupa-se com os conceitos que devem fazer parte do processo de como o aluno irá interpretar e construir seu conhecimento, surgem os conceitos-chave como Espaço, Território, Região, Lugar e

Paisagem como um corpo-metodológico para a busca da compreensão da totalidade sob a ótica da Geografia.

Da mesma forma que olhamos para a importância de tomar os conceitos geográficos no processo de construção de conhecimento sobre um fenômeno espacial, Dirce Suertegaray (2003, p. 49) trata das dimensões do espaço geográfico, indicando a necessidade de tomá-las como instrumentos operacionais que permitam a sua conjunção, o que pode ser entendido como orientações didáticas para o trabalho com os conceitos geográficos:

Se de um lado ainda trabalhamos com o recorte do espaço geográfico, de outro acreditamos que esses recortes poderão mais unir o discurso geográfico, do que separar. Isto porque cada um deles enfatiza uma dimensão da complexidade organizacional do espaço geográfico: o econômico/cultural (na paisagem), o político (no território), a existência objetiva e subjetiva (no lugar) e a transfiguração da natureza (no ambiente). Não obstante, nenhum deles prescinde das determinações expressas em uns e em outros.

Formação conceitual e de conhecimentos geográficos que estão ligados à formação para a cidadania; principalmente em tempos em que o saber prático se torna mais relevante que o saber filosófico, o que tende ao rompimento da formação de cidadãos plenos, sendo o que Milton Santos vai chamar de “deficientes cívicos”.

Hoje, sob o pretexto de que é preciso formar os estudantes para obter um lugar num mercado de trabalho afunilado, o saber prático tende a ocupar todo o espaço da escola, enquanto o saber filosófico é considerado como residual ou mesmo desnecessário, uma prática que, a médio prazo, ameaça a democracia, a República, a cidadania e a individualidade. Corremos o risco de ver o ensino reduzido a um simples processo de treinamento, a uma instrumentalização das pessoas, a um aprendizado que se exaure precocemente ao sabor das mudanças rápidas e brutais das formas técnicas e organizacionais do trabalho exigidas por uma implacável competitividade (Santos, 1999).

O conhecimento de problemas ambientais em espaços urbanos é um desses fenômenos espaciais que demandam estudos geográficos, os quais podem contribuir com a formação para uma cidadania e transformação na forma como a sociedade se relaciona com o meio ambiente.

O período atual é caracterizado pela intensificação dos modos **urbanos** de sociedade. No Brasil, 87% da população vive em áreas urbanas, conforme o Censo de

2022 do IBGE (IBGE, 2022). Esse adensamento urbano tem se caracterizado pela falta de planejamento do uso dos espaços, principalmente no que se refere a usos irregulares do solo, como ocupações urbanas em áreas de várzeas, desmatamento de áreas de nascente, de matas ciliares ao longo de córregos e rios, do desmatamento de áreas core de vegetação, a falta de políticas públicas para preservação e conservação de áreas verdes em espaços urbanos, ou mesmo para proteção destas áreas frente às severas práticas de especulação imobiliária que assolam as cidades brasileiras.

Assim, as cidades brasileiras enfrentam, na atualidade, distintos problemas relacionados às questões ambientais e aos modos como a sociedade organiza as cidades e destina esforços para a manutenção de áreas verdes em suas zonas urbanas. O aumento populacional gera um crescimento das cidades, aumentando assim a necessidade de urbanização para abrigar cada vez mais pessoas, dinâmica que na maioria das vezes não considera a natureza, nos mostrando atualmente problemáticas que a população de grandes centros urbanos acaba enfrentando, como mudanças climáticas cada vez mais notórias e devastadoras.

Diante desse cenário, a relação entre as potencialidades do urbano e da natureza devem seguir lógicas de interação consciente e responsável. Segundo pesquisa de Gusmão e Bovo (2016), baseada em Nucci (2001), Lombardo (1990) e Lima (1994), as espacialidades ambientais no meio urbano devem cumprir inúmeras funções tais como: a função social, ecológica, estética, psicológica e educativa.

Esses autores definem as funções das áreas verdes urbanas da seguinte forma: a **função social** como aquela que está ligada ao oferecimento de espaços de lazer para a população e que se relaciona com as demais funções, como a **ecológica** que visa a melhoria do urbano através do clima, impactando na qualidade do ar, buscando um equilíbrio solo/clima/vegetação, além de buscar a conservação de umidade e temperatura, redução de ruídos e ofertando abrigo à fauna presente.

A função **estética** consiste no papel de aproximar os elementos da interação entre as atividades humanas e meio ambiente, visando uma quebra da monotonia da paisagem das cidades, valorizando o meio urbano através da natureza, essa função assim como as outras está ligada diretamente a função social, visto que esta, tende a trabalhar no ser humano o equilíbrio mental e corporal, produzindo efeitos **psicológicos** através das cores

e sons da natureza, levando as espacialidades ambientais o papel de atuar como um local de relaxamento e “antiestresse”.

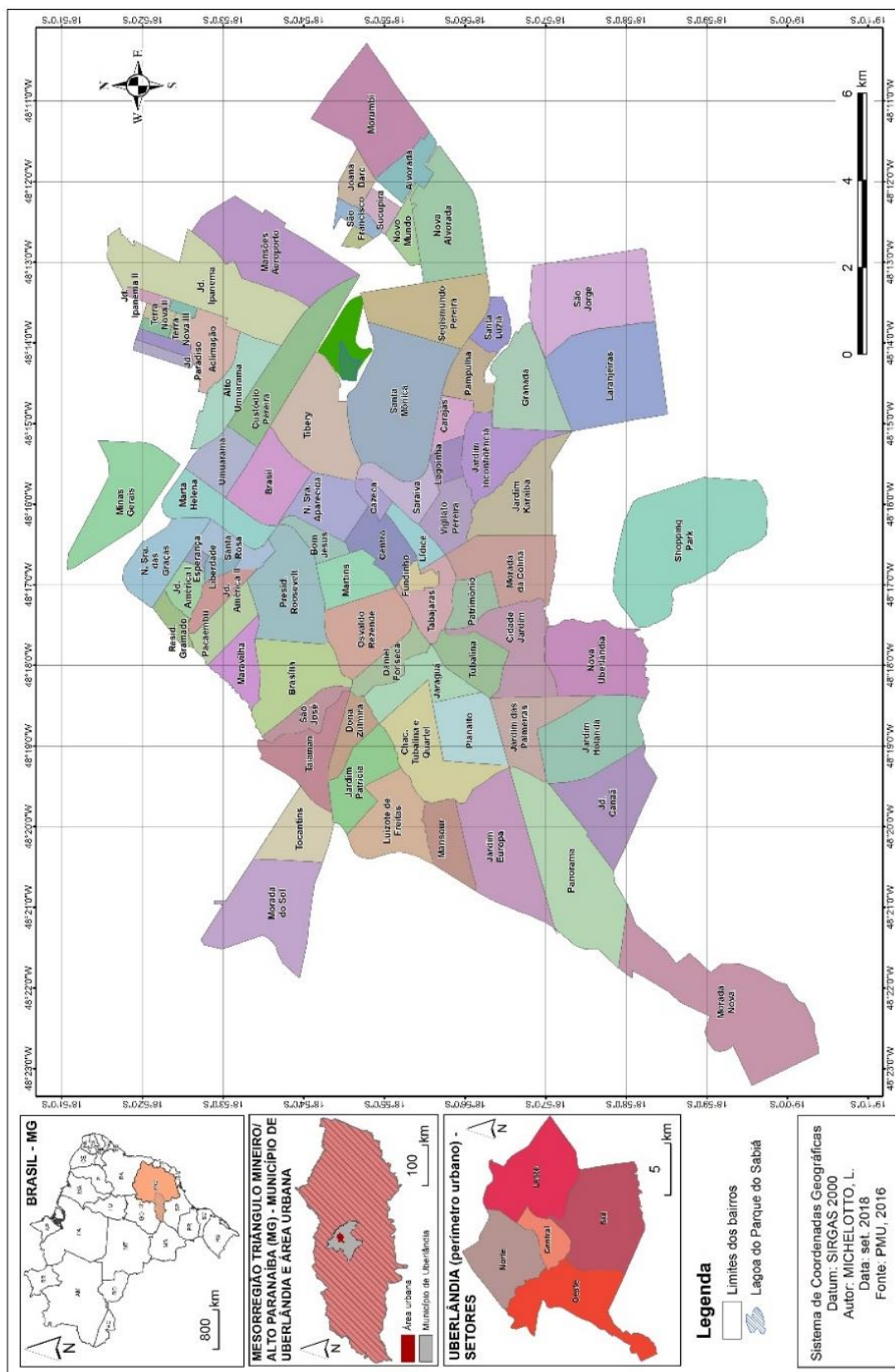
E por fim, a função **educativa** traz as diversas possibilidades de utilizar as áreas verdes para o desenvolvimento de atividades educativas, tal qual a própria educação ambiental.

4. O Parque do Sabiá e a concepção de trilhas interpretativas

O Parque do Sabiá é uma das oito principais unidades de conservação na área urbana de Uberlândia-MG, caracterizados no estudo de Souza e Melo (2014), que mapeia e caracteriza essas oito unidades, como “territórios saudáveis”, onde “as pessoas se correlacionam entre si e com o meio ambiente”.

O Complexo Esportivo Parque do Sabiá está localizado na zona Leste da cidade de Uberlândia, sendo o município situado na mesorregião do Triângulo Mineiro, Estado de Minas Gerais. O município de Uberlândia possui 713.232 habitantes, e uma área total de 4.115,206 km² (IBGE, 2022). O Parque do Sabiá representa a área verde mais conhecida e utilizada pela população do município de Uberlândia-MG.

Figura 1: Mapa da cidade de Uberlândia-MG com destaque em verde no Parque do Sabiá.



Fonte: Michelotto e Sobrinho (2018).

O parque começou a ser construído em 07 de julho de 1977, naquela década a cidade contava com cerca de 126 mil habitantes. A inauguração do parque se deu no dia 07 de novembro de 1982. Atualmente, o parque conta com uma área de 1.850.000 m² e recebe aproximadamente 10 mil pessoas todos os dias, desde crianças até idosos que buscam atividades ao ar livre, melhor qualidade de vida e contato com a natureza. O parque oportuniza atividades que busca atender todas as idades. Com opções de lazer que envolvem questões ecológicas, ambientais, culturais, educacionais, sociais e de saúde e bem-estar, o parque é o local mais tradicional de lazer e contato com a natureza no município (Prefeitura de Uberlândia).

A construção do complexo foi iniciada à beira de uma das três nascentes existentes na área da cidade na época, sendo que 70% da vegetação existente foi formada a partir do plantio de mudas de árvores do cerrado. Um grande lago artificial foi construído na época e recebeu inúmeras espécies de peixes comuns nos rios da região. As obras deram início no governo do então prefeito Virgílio Galassi, com a intenção de criar um local onde a população pudesse ter acesso gratuito a atividades de lazer, englobando áreas de esporte e natureza.

Com a construção do complexo e as áreas ao entorno passaram por transformações no espaço, impulsionando e dinamizando setores ambientais, sociais e culturais, impactando a dinâmica da vida social da população. Imagens de diferentes períodos representando esses espaços ajuda, relacionar os elementos que permanecem e os que mudam na paisagem, estabelecendo ligações entre eles a partir de conhecimentos geográficos pesquisados sobre os lugares. Assim, a Geografia em sala de aula trabalha não somente com o que se vê na paisagem, mas com o que se interpreta.

A paisagem urbana surge da aparência do que se vê, mas vai muito além do que é concretamente visível, no qual as estruturas e construções se diferem no tempo, revelando a dimensão da produção espacial que pode acabar fugindo do real e aparente (Carlos, 2001).

A paisagem urbana é a expressão da “ordem” e do “caos”, manifestação formal do processo de produção do espaço urbano, colocando-se no nível do aparente e imediato. O aspecto fenomênico coloca-se como elemento visível, como a dimensão do real que cabe intuir, enquanto representação de relações sociais reais que a sociedade cria em cada momento do processo de desenvolvimento. Consequentemente, essa forma apresentar-se-á como histórica, especialmente determinada, logo concreta (Carlos, 2001, p. 36).

Com as mudanças climáticas e as catástrofes ambientais cada vez mais frequentes nos tempos atuais, a preservação ou produção de paisagem, ainda que somente numa perspectiva de sustentabilidade ambiental, tem ganhado espaço nos planos de desenvolvimento dos centros urbanos, uma vez que para se ter uma cidade com qualidade de vida é necessário o planejamento ambiental e urbano, que priorize a questão social como fruto do equilíbrio entre os interesses do capital e a preservação ambiental.

Os parques urbanos se caracterizam como aparatos urbanos públicos, com uma dimensão significativa e que oferece em sua estrutura espaços verdes com vegetações na maioria das vezes nativa e que para além disso, seja de funcionalidade social, cultural ou esportiva para a população, a fim de propiciar qualidade de vida para os frequentadores.

Levando em conta a necessidade de gerar debates em torno da questão ambiental, os parques urbanos entram como um importante meio para o ensino de Geografia, uma vez que espaços como o Parque do Sabiá, nos colocam a questionar como a sociedade organiza as cidades e destina esforços para a manutenção de áreas verdes.

A utilização de trilhas interpretativas para a aprendizagem de Geografia através do Parque do Sabiá, surge por meio de um projeto de que integrou ensino, pesquisa e extensão sobre o uso de parques urbanos como espaços educativos, desenvolvido nas disciplinas denominadas de Projeto Interdisciplinar (PROINTER I, II e III), do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, no qual foi elaborado um material didático que servisse para o ensino de Geografia e realização de aulas teóricas e práticas com uma turma de estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

O objeto desse estudo foi o “Parque do Sabiá” e então delimitou-se uma trilha interpretativa com o ponto de partida e pontos de observação e interpretação da paisagem ao longo de um trajeto, com o objetivo de viabilizar a comparação com estudos realizados em sala de aula sobre aspectos da Geografia local, como: clima, vegetação, solo, relevo, cartografia e urbanização.

A prática educacional com uso de trilhas interpretativas, de acordo com Silva *et al.* (2020, p. 561), contribui com:

a aprendizagem do aluno sobre os aspectos relacionados aos problemas ambientais e sociais, promovendo uma sensibilização acerca dos impactos ambientais proporcionados pelas diferentes atividades humanas e despertando atitudes de conservação e senso crítico em relação ao meio ambiente.

No mesmo estudo, esses autores ainda apontam que as trilhas interpretativas se constituem “da elaboração de um roteiro previamente estabelecido de um parque, museu, sítios arqueológicos e naturais, com pontos de interesse a serem visitados e explicados pelo professor, monitor e/ou intérprete responsável pelo local (CEPA, 2001)” (Silva *et al.*, 2020, p. 561).

Para esses autores as trilhas interpretativas são uma atividade pedagógica que pode ampliar os objetivos estabelecidos para o processo educacional e formativos dos estudantes, para isso o objetivo de planejamento de uma trilha interpretativa consiste em:

O objetivo é planejar um processo participativo para os alunos, através da realização de uma trilha interpretativa, como estratégia educativa que aborde os aspectos cognitivos da aprendizagem, ocasionando o desenvolvimento das capacidades e habilidades dos alunos, sendo utilizada como um instrumento efetivo de educação ambiental (Tullio, 2005) (Silva *et al.*, 2020, p. 574).

Também há a possibilidade de usuários realizarem trilhas interpretativas de forma autônoma, sem professor ou monitor do parque para guiá-lo. No caso deste trabalho, prevê-se a necessidade da atuação do professor de Geografia guiando e desenvolvendo as interpretações geográficas das paisagens nos pontos encontrados ao longo da trilha, “favorecendo a interação com o público e permitindo direcionar seu olhar para que possa construir novos conhecimentos e ampliar sua sensibilidade e consciência acerca dos aspectos abordados durante a realização da atividade” (Silva *et al.*, 2020, p. 574).

5. Uma proposta de trilha interpretativa e o estudo de mudanças da paisagem no Parque do Sabiá

As trilhas interpretativas configuram-se como recursos pedagógicos que colaboram com o estabelecimento de vínculos entre o aluno e o meio natural, contribuindo para percepções de ordem cultural, histórica, geográfica e afetiva acerca de uma determinada localidade (Vasconcellos, 2000). Em uma sociedade contemporânea caracterizada pelo distanciamento entre o ser humano e o ecossistema, no qual a natureza é frequentemente reduzida a um recurso com potencial de ser explorado, tais práticas

metodológicas favorecem a tomada de consciência ambiental e promovem o sentimento de pertencimento do aluno em relação ao meio.

A interpretação da **paisagem** dentro da geografia é multifacetada, variando conforme a abordagem teórica adotada. De acordo com Schier (2003), o estudo dessa categoria busca desvelar a interação entre o natural e o social em recortes espaciais específicos. Tradicionalmente, a análise segmenta-se entre os componentes originários da natureza, como o solo, os rios e a flora; e as marcas da ocupação humana como infraestruturas urbanas e rurais. Contudo, a análise contemporânea da paisagem transcende a mera observação visual, demandando uma compreensão profunda do contexto histórico, da configuração social e das variáveis temporais que moldam o objeto geográfico.

Nesse contexto, as trilhas interpretativas e a utilização de recursos pedagógicos, como o uso de imagens comparativas entre diferentes períodos temporais, viabilizam a exploração do conceito de paisagem. Tais metodologias não apenas corroboram o processo de ensino-aprendizagem na geografia, mas também exploram um vínculo afetivo e sentimental do aluno com o meio, contribuindo com sua percepção crítica sobre o lugar.

O Parque do Sabiá possui uma área de 1.850.000 m², portanto há a possibilidade de serem realizadas inúmeras trilhas, com trajetos e objetivos distintos. Neste trabalho a proposta é de uma trilha com quatro pontos de interpretação. Para cada ponto, serão apresentadas duas fotografias desenvolvendo comparações e análises geográficas das paisagens nela representadas. Tal trabalho visa oferecer aos professores uma possibilidade de desenvolver aulas de campo no referido parque ou mesmo processos de ensino de Geografia em sala de aula.

A escolha dos pontos se deu pela busca por contribuir com as habilidades EF06GE01 e EF06GE07 listadas na BNCC para o ensino de Geografia no sexto ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, que indicam respectivamente a necessidade de “comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos” e de “explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades” (Brasil, 2018, p. 385). Em seguida, outro critério para a seleção dos pontos foi o encontro de fotografias antigas de paisagens que permitissem comparações com paisagens atuais do parque. Assim, as características geográficas

observáveis nessas fotografias antigas e paisagens atuais no parque foram utilizadas para a definição dos conteúdos e temas a serem abordados e trabalhados com os estudantes no percurso da trilha interpretativa proposta.

Para definição da trilha, elaboração do material e preparação da aula teórica e em campo foram realizadas visitas prévias ao parque, quando foi feito o planejamento do traçado da trilha, seleção dos pontos de interpretação e coleta de documentação junto ao setor administrativo do parque.

O roteiro de visita definido para a trilha proposta inicia-se com a partida no portão de entrada no parque localizado na Avenida Anselmo Alves dos Santos 595 (indicado por um ponto amarelo na imagem), e segue o trajeto que pode ser observado pela sequência dos pontos interpretativos indicados com números na imagem a seguir.

Figura 2: Imagem do Parque do Sabiá, em Uberlândia-MG, com indicação da trilha e dos pontos interpretativos para análise geográfica das paisagens.



Fonte: Google Earth (2026).

As fotografias antigas que foram encontradas e permitiram a construção do traçado da trilha e dos pontos de interpretação das paisagens, articuladas à compreensão do contexto histórico, urbano e das variáveis temporais e espaciais, foram:

Ponto Interpretativo 1: Trilha na mata

Ponto Interpretativo 2: Buritis

Ponto Interpretativo 3: Ponte sobre córrego

Ponto Interpretativo 4: Estádio

Ponto Interpretativo 1. Trilha na mata

Figura 3: Trecho da trilha no Parque do Sabiá, em Uberlândia-MG.



Fonte: Acervo do autor (2026).

Umas das áreas em que se pode observar maior interrelação com a biogeografia no parque é a área destinada pelo próprio parque à realização de uma trilha, onde pode ser observada uma diversidade de espécies vegetais, tanto exóticas, quanto nativas do bioma Cerrado. Em uma curta caminhada é possível observar áreas com buritis que se trata de uma espécie vegetal representante de áreas hidromórficas reconhecidas como endêmicas do Cerrado e chamadas de áreas de veredas. Observam-se também gramíneas e outras árvores tanto da vegetação típica de Cerrado como também de reflorestamento com espécies de outros biomas, como o da Mata Atlântica (Ferreira, 2005).

No caminho observam-se vários seres vivos, animais e vegetais, como diferentes espécies de aves, borboletas, calangos, saguis, capivaras, curicacas, tartarugas, patos-selvagem entre outros. Identificando aspectos relacionados ao solo nota-se que nas áreas de caminhada o solo se encontra compactado, isso dificulta a infiltração de água pluvial (das chuvas) aumentando os índices de erosão superficial. Já ao em torno da trilha é possível identificar solos mais porosos, com cobertura de serrapilheira, que permitem maior infiltração de água e menores índices de erosão.

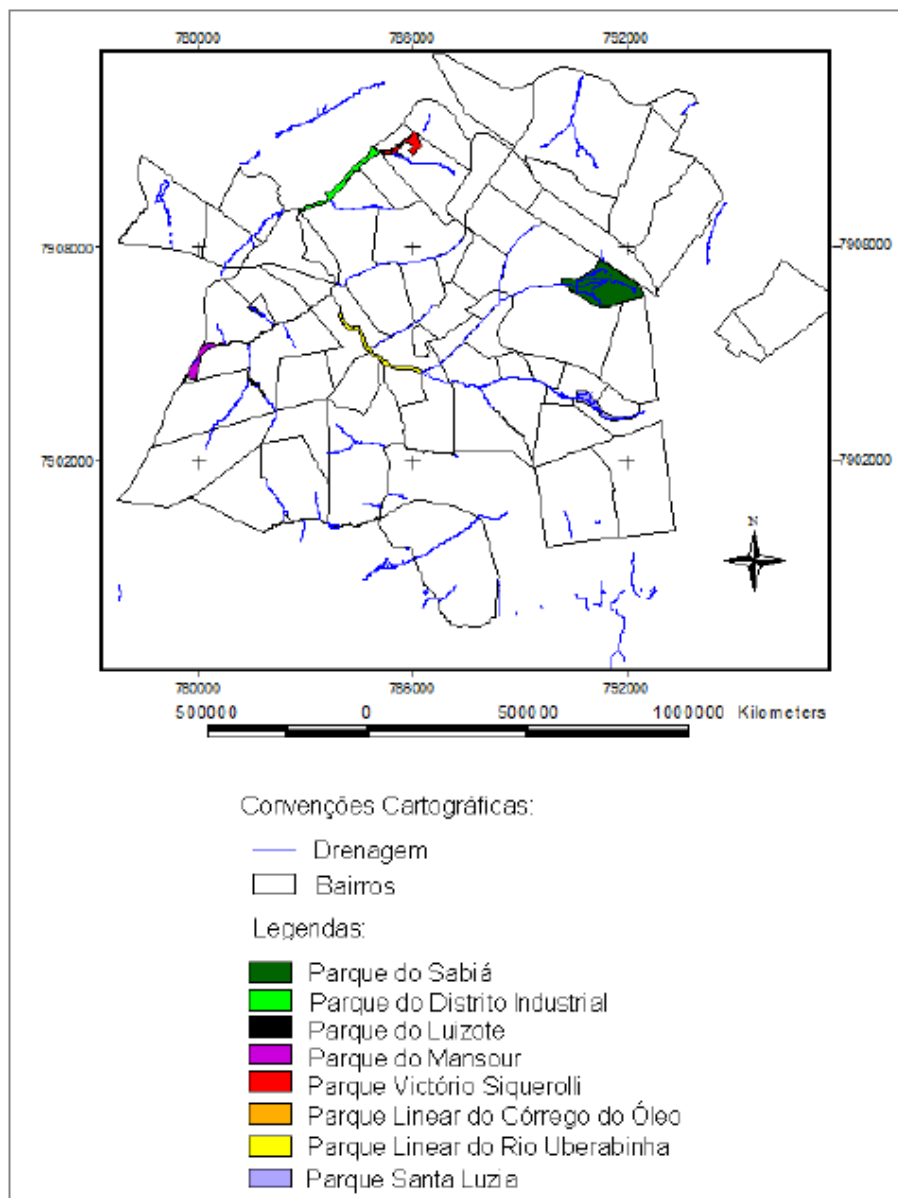
Pela observação é possível reconhecer as diferenças da vegetação que melhor se adaptam aos diferentes tipos de solo, o que demonstra a necessidade de preservação do mesmo, devido ao solo não ser um meio infinito. O solo é um recurso natural fundamental para a manutenção da vida na Terra. Entretanto, é válido ressaltar que é um recurso efêmero, sua perda e degradação não é recuperado dentro de uma geração. O solo consiste em um componente essencial dos recursos da terra, como desenvolvimento agrícola e sustentabilidade ecológica, sendo a base para a produção de alimentos, combustíveis e manutenção do modo de vida. É, portanto, um recurso natural de grande valor, no entanto, é muitas vezes desvalorizado e sendo apropriado apenas como um recurso a ser explorado.

Além disso, o solo tem funções básicas e muito importantes para nossos ecossistemas, como o fornecimento de nutrientes essenciais para as nossas florestas e lavouras, além de filtrar a água, ajuda a regular a temperatura e as emissões dos gases de efeito estufa. A análise de uma parcela de solo permite conhecer informações pedológicas e geográficas, como partículas (minerais e orgânicas) que vão sendo depositadas em camadas (horizontes) devido à ação da chuva, do vento, do calor, do frio e de organismos (fungos, bactérias, minhocas, formigas e cupins) que vão desgastando as rochas de forma lenta no relevo da terra (Teixeira *et. al.*, 2017).

Nesse ponto da trilha pode-se fazer uma análise comparativa entre essas características do solo dessa área do parque e a biodiversidade ali presente e as características e consequências do solo urbano impermeabilizado por asfalto e construções na maior parte da cidade de Uberlândia. Auxilia nesse processo a análise do mapa das áreas dos principais parques da cidade (Figura 4), com a impactante visualização das poucas e pequenas áreas ocupadas pelos parques em contraste com as grandes e contínuas áreas destinadas aos bairros, além de quase toda rede hidrográfica

sem nenhuma área de proteção da mata ciliar garantida como unidade de conservação. Portanto, um mapa que revela a quase nenhuma importância que as políticas públicas de planejamento urbano destinam à delimitação e estabelecimento de unidades de conservação na cidade.

Figura 4: Mapeamento dos parques urbanos em Uberlândia-MG.



Fonte: Souza e Melo (2014).

A impermeabilização do solo altera as condições de escoamento de uma bacia hidrográfica:

quando se transforma um solo, outrora permeável numa superfície impermeabilizada, ou mesmo haja alteração da declividade de terrenos e fundo de corpos d'água, por meio da construção de edificações, pela execução de pavimento, ou pela realização de outras obras (Justino, Paula, Paiva, 2011, p. 18).

Uberlândia-MG é um dos exemplos de cidades brasileiras onde tem havido o aumento de ocorrência de enchentes nos últimos anos, sofrendo os efeitos do aumento da impermeabilização dos solos urbanos, como o crescimento do escoamento superficial.

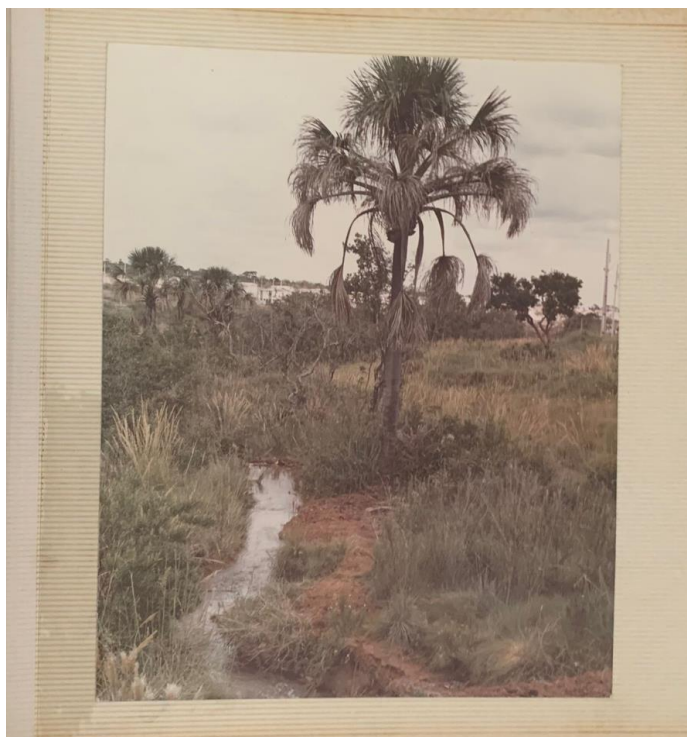
A permeabilidade do solo influi diretamente na capacidade de infiltração, ou seja, quanto mais permeável for o solo, maior será a quantidade de água que ele pode absorver, diminuindo assim a ocorrência de excesso de precipitação (Justino, Paula e Paiva, 2011, p. 18).

Outra consequência da degradação ambiental e substituição da vegetação nativa do Cerrado por processos de urbanização da cidade de Uberlândia é a perda da biodiversidade do Bioma Cerrado, considerado como um dos *hotspot* da biodiversidade brasileira, ou seja, “locais que concentram alta biodiversidade, associada a uma grande ocorrência de endemismos (espécies que só ocorrem numa certa região) e sujeitas a grande pressão antrópica (...) e das mudanças climáticas globais” (São Paulo, 2026).

Uberlândia conheceu, principalmente a partir da década de 1970, uma substituição acelerada de habitats naturais em áreas construídas, caracterizada como uma das principais ameaças ambientais globais. A observação da paisagem urbana de Uberlândia revela um desaparecimento das espécies animais e vegetais nativas, e quando se vê as raras e pequenas incursões de paisagismo ornamental, observa-se um número reduzido de espécies vegetais, por vezes exóticas e generalistas, quando não gramados sintéticos e plantas artificiais decorativas.

Ponto Interpretativo 2: Buritis

Figuras 5 e 6: Comparação de área de várzea em trilha no Parque do Sabiá no ano de 1980 e no ano de 2021.



Fonte: Acervo FUTEL/PMU.



Fonte: Acervo do autor (2026).

A área acima fotografada localiza-se no interior da trilha na mata organizada pelo parque. Na fotografia tirada em 1980 observa-se a existência de um pequeno córrego, com a margem desmatada, quase nenhuma mata ciliar, no centro da foto nota-se a presença marcante de um exemplar da palmeira butiri e, ao fundo da foto, observam-se outros dois butitis e alguns poucos arbustos. Na fotografia de 2021, observa-se a presença de um pequeno lago, indicando que o córrego foi represado; a presença de uma mata galeria, com maior quantidade de árvores e arbustos e uma estrada de terra mais demarcada, indicando uma demarcação de infraestrutura para circulação dentro do parque.

O buriti, cujo nome científico é *Mauritia flexuosa*, é uma palmeira encontrada em áreas de Cerrado no Brasil. É uma espécie bioindicadora de solo úmido, sendo presentes em solos brejosos, ou seja, locais com nascentes ou em áreas de alagamento.

A espécie buriti é totalmente aproveitada por comunidades em áreas de extração. Possui folhas em formato de leque, frutas do tipo coco e tem um crescimento muito lento, porém, apresenta grande longevidade, já que alguns tipos com mais de 10 m podem ter entre 100 e 400 anos (Embrapa, 2026).

As veredas são áreas brejosas ou encharcadas que abrigam nascentes e cabeceiras de cursos d'água. Caracterizam-se por solos hidromórficos (naturalmente úmidos) e pela presença marcante, mas não obrigatória, do buriti. (...) As veredas são o coração do Cerrado: elas armazenam e distribuem suas águas para todas as principais bacias hidrográficas e alimentam o desenvolvimento sustentável do país (Embrapa, 2026).

Assim, a vereda é um tipo de vegetação com a palmeira arbórea *Mauritia Flexuosa* (buriti) emergente, em meio a agrupamentos mais ou menos densos de espécies arbustivo-herbáceas (Ferreira, 2005).

No Brasil, o ecossistema das veredas vem sofrendo severa degradação ambiental. O governo brasileiro tem notificado a degradação histórica das veredas e seu contínuo agravamento. Pesquisas governamentais demonstram que “a devastação dessas áreas foi intensificada a partir da década de 1970, devido à implantação das monoculturas”. E alertam para o fato de que “as veredas, um frágil "oásis" do bioma Cerrado, agonizam devido ao avanço das pastagens de gado, assoreamento, queimadas, desmatamento para a produção agrícola e de carvão e abertura indiscriminada de poços artesianos e de estradas vicinais”, conforme a notícia da Câmara dos Deputados (Brasil, 2017).

Ponto Interpretativo 3: Ponte sobre córrego

Figuras 7 e 8: Comparação do Parque do Sabiá no ano de 1980 e no ano de 2021.



Fonte: Acervo FUTEL/PMU.



Fonte: Acervo do autor (2026).

A paisagem das fotografias desse ponto localiza-se no centro da área mais arborizada do parque. Na foto de 1980 observa-se a ponte construída pelo parque, sobre um córrego que corre em direção à lagoa artificial do parque (área represada que deu origem à lagoa). Na foto tirada em 2021 observa-se a ponte com uma estrutura de proteção, o guarda-corpo, indicando seu uso ainda recente com melhorias de infraestrutura. A visita ao local permite visualizar que o córrego se localiza em área com pouco declive (plana), com baixa vazão (baixo volume de água e de fluxo lenta) e baixa profundidade (raso).

Na foto da década de 1980 observa-se uma mata menos densa que a presente na fotografia mais atual. Estando nesse ponto no parque, observa-se arborização diversificada e fechada em todo seu entorno. A existência dessa mata na atualidade se dá devido a um planejamento e realização de reflorestamento e a manutenção do plantio de espécies, numa área antes quase totalmente desmatada e com solo exposto.

Até a década de 1960 Uberlândia mantinha características rurais muito fortes e a zona urbana foi se expandindo sobre antigas fazendas. Exemplos dessas mudanças são apresentadas por Geisa D. G. Cleps (2008, p. 29):

Entre os anos de 1950 e 1960, o crescimento demográfico e a abertura desordenada de loteamentos levaram a administração municipal a reordenar o sistema viário, estabelecer um zoneamento e realocar vários equipamentos urbanos. Para a alocação destes equipamentos, novos espaços foram inseridos na malha urbana da cidade. (...) Assim, deu-se início à canalização de vários Córregos como o Cajubá, onde se implantou a Avenida Rio de Janeiro – atual Avenida Getúlio Vargas; e sobre o Córrego São Pedro onde foram abertas as Avenidas São Pedro e Buenos Aires – atual Avenida Rondon Pacheco e a João Naves de Ávila, respectivamente.

Segundo a Prefeitura Municipal de Uberlândia, a construção do Parque do Sabiá foi iniciada em 1977, à beira de uma das cinco nascentes existentes no local, sendo que “70% da vegetação existente foi formada a partir do plantio de mudas de árvores do cerrado” e “um grande lago artificial foi construído na época e recebeu inúmeras espécies de peixes comuns nos rios da região” (PMU, 2026). Na área do parque, de um canteiro de plantas da década de 1970, originou-se o Horto Municipal de Uberlândia (localizado na Avenida Benjamim Magalhães, no Bairro Tibery), hoje com o objetivo de “produzir, reproduzir, cultivar, propagar espécies vegetais para uso próprio e fornecimento à população para arborização em áreas públicas”, onde “na sementeira germinam aproximadamente 50 mil novas plantas, no viveiro fixo sombreado e Casa de Vegetação crescem mais de 150 mil mudas e na área de rustificação cabem mais de 1 milhão delas” (PMU, 2026).

Esse processo de reflorestamento que gerou a mata que hoje se encontra no local, além de permitir maior biodiversidade, servindo de habitat a espécies animais e vegetais, criar áreas de sombra, ajudou na manutenção da umidade e a microclima com temperatura mais amena no local e em relação ao entorno urbanizado.

Estudos que realizaram levantamento das manchas de vegetação nos remanescentes do Parque do Sabiá, classificam que a vegetação do parque apresenta “Floresta Estacional Semidecidual, Savana Florestada (cerradão) e vegetação com influência fluvial, abrangendo tanto a mata de brejo quanto a vereda” (Guilherme e Nakajima, 2007).

É comum materiais e livros didáticos de Geografia, principalmente os destinados ao 6º ano do Ensino Fundamental, diferenciarem “paisagem natural” da “paisagem cultural”, sendo a primeira apresentada como aquela “formada por elementos naturais, inalterados pela ação humana”, ou seja, sem intervenção humana. E a paisagem cultural,

também chamada de paisagem modificada, como aquela “formada por elementos que foram construídos ou modificados pela construção humana” (Guitarra, 2026).

Por meio da compreensão de espaço como “acúmulo desigual de tempos” de Milton Santos (2009), entende-se que na paisagem pode-se observar elementos naturais e culturais, bem como formas novas e antigas, que nos revelam sucessivos passados.

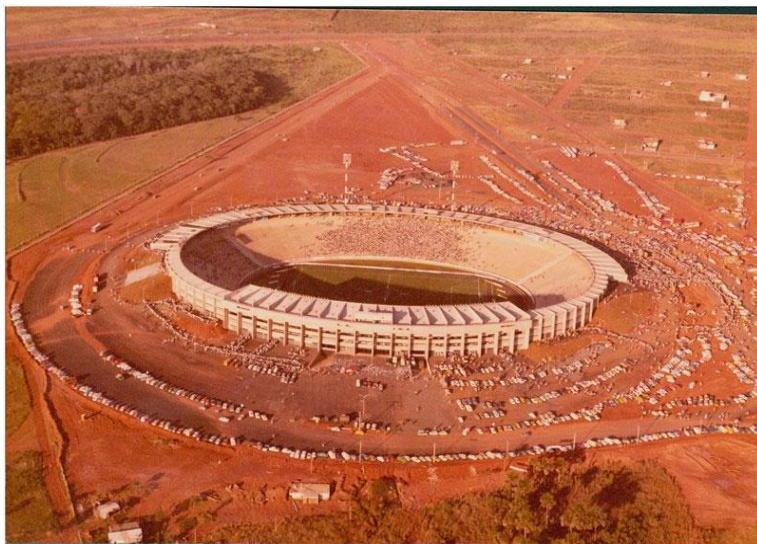
Dessa forma, entende-se que as paisagens com predominância de elementos naturais no Parque do Sabiá, mesmo aquelas na área de 30% dita como de vegetação nativa, são entendidas como paisagens humanizadas, pois ela resulta de um planejamento da sociedade em determinado tempo histórico, para ser mantida conservada ou ser reflorestada com determinadas espécies vegetais, dentro de um área bastante delimitada, demonstrando que se foi construindo novas paisagens a partir dos diferentes usos que faz do espaço.

Essa biodiversidade do Parque do Sabiá, numa Unidade de Conservação, portanto uma área de proteção ambiental protegida pela Lei Federal nº 9.985/2000, deve estar sob constante atenção e desprendimento de recursos e ações pelos poderes públicos, para que se mantenha mesmo diante da intensa pressão antrópica bastante presente na realidade espacial de Uberlândia, ou seja, das atividades humanas, como desmatamento, queimadas, poluição, caça e pesca ilegais, tráfico de animais, destruição de habitats, introdução de espécies exóticas.

Exemplo dessa necessária vigilância dos poderes públicos é uma investigação do Ministério Público de crime ambiental no Parque do Sabiá, em andamento em 2026, para apurar “contaminação por esgoto e degradação contínua no Parque do Sabiá, com riscos de comprometer o ecossistema e a função pública do local”, com evidências de “despejo direto de esgoto e lixo no parque, “processos de erosão avançada” e “contaminação direta da água”, com “comprometimento crítico da biodiversidade local” (Diário de Uberlândia, 2026).

Ponto Interpretativo 4: Estádio

Figuras 9 e 10: Comparação da área em torno do Complexo do Parque do Sabiá no ano de 1982 e no ano de 2024.



Fonte: Prefeitura de Uberlândia (2023).



Fonte: Facebook Futebol pelo Mundo (2024).

A comparação das duas fotografias aéreas permite observar diferentes usos do espaço ocorridos ao longo de cerca de 30 anos, como: o loteamento das terras para fins urbanos, a instalação de infraestruturas, a pavimentação da maioria da área, represamento de córregos ali presentes para a criação de lagos artificiais, além do reflorestamento de áreas e a criação de parque ambiental ao lado esquerdo das fotografias.

As mudanças também ajudam a refletir sobre os impactos ambientais e os problemas urbanos resultantes dos processos de urbanização escolhidos para a área, como por exemplo: crescimento populacional; necessidade de ampliação de infraestrutura, saneamento básico e serviços públicos, como os de educação e saúde; intensificação do tráfego de veículos; necessidade de ampliação de transportes públicos; poluição hídrica e atmosférica; necessidade de destinação adequada de lixo.

Assim, a análise do recorte espacial presente nas fotografias possibilita reconhecer transformações no espaço de parte da cidade de Uberlândia-MG entre os anos de 1982 e 2023.

Na fotografia aérea de 1982 vê-se a região que hoje se encontra o setor Leste da cidade de Uberlândia, com os bairros Tibery, Custódio Pereira e Santa Mônica.

Observa-se que a área consistia em terrenos, cuja pesquisa histórica mais remota conhecida da região hoje chamada de Triângulo Mineiro aponta que sua ocupação foi dada inicialmente pelos habitantes indígenas pertencentes às sociedades de língua jê, conhecidas no período colonial como Kayapó, “remonta há pelo menos 1.000 anos atrás”, e habitavam uma vasta área do que hoje é o Brasil Central (Lourenço, 2005, p. 23).

A partir da colonização portuguesa, os não-índios travaram uma guerra contra os índios Kayapó do Sul aldeados no que viria se tornar o “Sertão da Farinha Podre” (Rio das Pedras e Santa Ana do Rio das Velhas). Os Kayapó opuseram forte resistência aos massacres dos não-índios até o século XVIII e o aldeamento foi uma alternativa de sobrevivência para esses indígenas, que foram perseguidos e quase extintos nos séculos XIX e XX (Mori, 2015).

Assim, o Sertão da Farinha Podre, atual região do Triângulo Mineiro e parte do Alto Paranaíba, foi, durante décadas, uma região administrada por diferentes capitânias. Até 1748 era parte integrante de São Paulo. Entre 1879 e 1816, com a criação da capitania de Goiás, esteve sob jurisdição goiana. E, desde 1816, é administrada por Minas Gerais (Mori, 2015).

As terras desmatadas com solo exposto demonstram suas formas de uso pela propriedade rural privada. Ao passo que se observa no solo exposto, o desenho de loteamentos esquadrinhados por meio de delimitação de quadras, ruas e avenidas ainda não pavimentadas; revelando a expansão urbana nessa direção. Também se observa pequena área florestada, que havia se tornado parte do Parque do Sabiá, inaugurado no ano da fotografia: 1982. Vê-se a construção do Estádio Municipal Parque Municipal do Sabiá, também inaugurado no mesmo ano da foto.

Na observação da paisagem da mesma região fotografada no ano de 2023, destacam-se: no centro da foto, o Estádio do Sabiá e ginásio de esportes “Arena Sabiazinho”. Ao lado direito do Estádio, observa-se parte do bairro Santa Mônica, sendo que ao fundo observa-se no horizonte a expansão urbana recente no setor leste da cidade de Uberlândia-MG. À esquerda da foto, observa-se uma parte da área florestada do Parque Municipal do Sabiá.

Hoje, o setor Leste está entre os mais populosos da cidade, com 122.599 habitantes, com uma densidade demográfica de 4.8 hab./km² (Cleps, 2008, p. 30).

Acrescenta-se às análises o modo como essa expansão tem se dado em Uberlândia, o qual, conforme Michelotto e Sobrinho (2018, p. 66) alertam em seu estudo:

o modo como a expansão urbana avança para as bordas da cidade de Uberlândia não é resultado de pequenos construtores ou proprietários de lotes, mas de grandes agentes imobiliários como também do poder público, que participam para a sua infraestrutura e imprimem no espaço uma produção em larga escala, característica presente na dinâmica atual da cidade. O adensamento dessas novas áreas tem provocado uma dispersão cada vez mais acentuada do território ocupando e desmatando extensas áreas de cerrado.

Assim, com a análise interpretativa da paisagem nesse ponto (em frente ao Estádio) enriquecida com a análise comparativa das fotografias aéreas, torna-se possível a visualização e o estudo de processos de urbanização que geraram e ainda geram mudanças na dinâmica físico-natural e na dinâmica social do espaço representado na fotografia e no seu entorno.

6. Considerações finais

Este trabalho resultou na concepção de um material construído para o suporte de docentes de Geografia da educação básica, constituído pela proposição de uma metodologia de ensino que articula aula teórica e em campo com visita ao um parque urbano para realização de uma trilha interpretativa das paisagens observadas em quatro pontos específicos do parque, associada à análise comparativa de fotografias da década de 1980 e recentes representando as paisagens observadas nos pontos.

Esse projeto teve início nas disciplinas “Projeto Interdisciplinar I, II e III” (Prointer) e “Seminário Institucional das Licenciaturas” (Seilic), do Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Uberlândia, quando grupos de alunos realizaram essa proposta para diferentes parques de Uberlândia e realizaram atividade de ensino teóricas e práticas de campo com turmas de alunos de escolas públicas.

Dessa experiência, foi consolidado esse trabalho, sendo que a realização das aulas teóricas e práticas com os alunos serviram de base para a reformulação da proposta inicial da trilha interpretativa, revisão dos conteúdos que precisavam ser mudados, melhor aprofundados, ou mesmo precisavam de maior pesquisa e reestruturação.

O desenvolvimento do trabalho contou com breve estudo teórico que auxiliasse a compreensão da relação entre sociedade e natureza no ensino de Geografia, bem como uma concepção de espaço geográfico que permitisse analisar os impactos da urbanização no meio ambiente na atualidade, cujas transformações são aceleradas pela técnica, ciência e informação.

Os pontos interpretativos no Parque do Sabiá visaram enriquecer o ensino de Geografia por meio de conteúdos trabalhados na disciplina, previstos para o sexto ano nas habilidades de Geografia da BNCC, com enfoque na análise de leitura da paisagem, permitindo ao aluno observar as transformações do espaço com o passar das décadas, gerando uma compreensão de impactos ambientais, sociais e culturais sob a dinâmica da vida social a partir da urbanização.

Diversos são os métodos de ensino atuais, e no referido trabalho, a utilização das práticas em campo foi essencial para que os estudantes desenvolvam análises daquilo que observa no seu entorno, articulado aos conhecimentos geográficos aprendidos na escola e aplicar esses conteúdos com visão crítica na prática social; a fim de que, com essa orientação o aluno consiga realizar uma relação da sociedade com o ambiente, para que o mesmo faça uma interrelação da paisagem lida por ele com outros lugares que fazem parte da experiência empírica do estudante.

Com isso, aprofundar a compreensão sobre o Parque do Sabiá, abordando não apenas sua história, mas também os aspectos geográficos que o tornam um ambiente singular, obtém como resultado a ampliação do conhecimento da sociedade acerca da preservação ecológica, importância das unidades de conservação, enriquecimento cultural, práticas educacionais e de lazer no referido parque.

Os resultados evidenciam que a aula de campo, mediada pela metodologia de trilha interpretativa, potencializa o processo de ensino-aprendizagem ao estimular a observação sistemática, o pensamento crítico e o sentimento de pertencimento dos estudantes em relação ao espaço vivido. Conclui-se que o uso pedagógico de visitas a áreas verdes urbanas, como o Parque do Sabiá, realizada de forma articulada à análise geográfica comparativa de paisagens representadas em fotografias de diferentes tempos, constitui estratégia eficaz para o ensino de Geografia, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes das dinâmicas socioambientais contemporâneas.

7. Referências

- ALBUQUERQUE, Lidiamar; MOREIRA, Suzana N. Veredas: o coração do Cerrado! **Embrapa Notícias**. 03 mar. 2026. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/111052574/artigo---veredas-o-coracao-do-cerrado>. Acesso em: 06 mar. 2026.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF: MEC, 2018.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Especialistas alertam para a degradação das veredas do Cerrado. **Agência Câmara Notícias**. <https://www.camara.leg.br/noticias/511777-ESPECIALISTAS-ALERTAM-PARA-A-DEGRADACAO-DAS-VEREDAS-DO-CERRADO>. Acesso em: 06 mar. 2026.
- CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CAVALCANTI, A. P. B. Abordagem metodológica do trabalho de campo como prática pedagógica em geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n. 2, p. 165–176, 2011. DOI: 10.5902/223649947371
- CLEPS, Geisa D. G. Produção do espaço urbano de Uberlândia e as políticas públicas de planejamento. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia v. 9, n. 27, 2008 p. 184-187.
- CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, v. 20, n. 2, p. 99–114, 2012. DOI: 10.5433/2447-1747.2011v20n2p99.
- COSTA, R. G. S. et al. Uso, afetividade e percepção: um estudo da satisfação dos frequentadores do Parque do Sabiá em Uberlândia-MG. **Revista de Geografia**, v. 28, n. 1, p. 14-24, 2011.
- DIÁRIO DE UBERLÂNDIA. Ministério Público investiga denúncia de crime ambiental no Parque do Sabiá, em Uberlândia. **Diário de Uberlândia**. Redação. 20/02/2026. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/39920/ministerio-publico-investiga-denuncia-de-crime-ambiental-no-parque-do-sabia-em-uberlandia>. Acesso em: 06 mar. 2026.

- EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária **Buriti**. <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/agroenergia/biodiesel/materias-primas/buriti>. Acesso em: 06 mar. 2026.
- FARINA, B. C.; GUADAGNIN, F. Atividades práticas como elementos de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática. In: REGO, Nelson; FERREIRA, M. G. R. **Buriti**. Porto Velho: Embrapa, 2005. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/24785/1/folder-buriti.pdf>. Acesso: 28 fev. 2026.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Brasil 500 d.c.: Os deficientes cívicos - 24/01/99**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs24019917.htm>. Acesso em: 04 mar. 2026.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- GUILHERME, Frederico A. G.; NAKAJIMA, Jimi N. Estrutura da vegetação arbórea de um remanescente ecotonal urbano floresta-savana no Parque do Sabiá, em Uberlândia, MG. **Revista Árvore**, Viçosa-MG, v. 31, n. 2, p. 329-338, 2007.
- GUITARRA, Paloma. Paisagem natural e cultural. **UOL Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/geografia/paisagem-natural-e-cultural.htm>. Acesso em: 24 mar. 2026.
- GUSMÃO, P. S.; BOVO, M. C. Áreas verdes urbanas: um estudo geográfico sobre a Praça Santos Dumont na pequena cidade de Terra Boa (PR), Brasil. In: **Anais III Simpósio Nacional de Estudos Urbanos - SEURB**, 2016. Campo Mourão-PR: Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, 2016. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/seurb/>. Acesso em: 17 fev. 2026.
- JUSTINO, Eliane A.; PAULA, Heber Martins de; PAIVA, Ed Carlo R. Análise do efeito da impermeabilização dos solos urbanos na drenagem de água pluvial do município de Uberlândia-MG. **Espaço em Revista**, v. 13, n. 2, 2011, p. 16 -38. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/espaco/article/view/16884/10333>. Acesso em 06 mar. 2026.
- LOURENÇO, Luís A. B. **A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861)**. Uberlândia: EDUFU, 2005.

MICHELOTTO, Leticia Del G.; SOBRINHO, Fernando L. A. O método design thinking como instrumento de sustentabilidade urbana. Uma proposta aplicada para a questão do descarte irregular de resíduos na cidade de Uberlândia, MG, Brasil. **Confin**s, n. 38, p. 1-11, 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confin/17053>. Acesso em: 06 mar. 2026.

MICHELOTTO, Leticia Del G.; SOBRINHO, Fernando L. A. A urbanização dispersa da cidade de Uberlândia, Minas Gerais. **Revista eletrônica: Para onde!?** Porto Alegre, v.9, n.2, p.61-67, 2018. Edição Especial: XII ENANPEGE. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/82789/51069>. Acesso em: 06 mar. 2026.

MORI, Robert. **Os aldeamentos indígenas no Caminho dos Goiaes**: guerra e etnogênese no “sertão do Gentio Cayapó” (Sertão da Farinha Podre) – séculos XVIII e XI. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia-MG: UFU, 2015.

PINA, J. H. A. et al. Qualidade ambiental e de vida: Uma análise qualitativa do Parque do Sabiá em Uberlândia-MG. **Caminhos de Geografia**, v. 10, n. 31, p. 239-267, 2009. SÃO PAULO, Governo do Estado de São Paulo. Portal de Educação Ambiental. **Hotspots de biodiversidade**. Disponível em: <https://semil.sp.gov.br/educacaoambiental/prateleira-ambiental/hotspots-de-biodiversidade/>. Acesso em: 06 mar. 2026.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 5ª. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, José E.; SANTOS, Valmaria L. C. O período técnico-científico-informacional e o ensino de Geografia: algumas notas. **Revista Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 12, n. 39, p. 168-180, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16528>. Acesso em: 04 mar.2026.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

- SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3353/2689>. Acesso em: 04 mar.2026.
- SILVA, L. P.; VALADARES, T.; BARBOSA, J. G.; ARAÚJO, M. S. T. Proposta de uma trilha interpretativa no Parque Estadual do Itacolomi como recurso para promoção da educação ambiental. **Revista Ambiente & Educação**. v. 25, n. 2, 2020. p. 559-580.
- SOUZA, Josimar dos R.; MELO, Cristiane A. S. M. de. Os parques urbanos como indicadores de qualidade de vida: análise dos parques urbanos de Uberlândia-MG. **Cidades Verdes**, v. 02, n. 03, 2014, p. 68-85.
- SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia e interdisciplinaridade. Espaço geográfico: interface natureza e sociedade. **Geosul**, v. 18, n. 35, p. 43-54, 2003. Acesso em: 16 jan. 2026.
- SZEREMETA, B.; ZANNIN, P. H. T. A importância dos parques urbanos e áreas verdes na promoção da qualidade de vida em cidades. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, v. 29, p. 177-193, 2013.
- TEIXEIRA, P. C. et al., **Manual de métodos de análise de solo**. 3. ed. Brasília, DF: Embrapa, 2017.
- UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal. **Complexo Virgílio Galassi**. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/complexo-virgilio-galassi/>. Acesso em: 06 mar. 2026.
- UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal. **Parque do Sabiá comemora 40 anos com programação especial neste domingo**. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/11/03/parque-do-sabia-comemora-40-anos-com-programacao-especial-neste-domingo-6/>. Acesso em: 16 jan. 2026.
- UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal. **Horto Municipal**. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/gestao-ambiental-e-sustentabilidade/horto-municipal-2/>. Acesso em: 06 mar. 2026.
- VASCONCELOS, L. H. C.; LUZ, C. E. Transformações na paisagem urbana de Cornélio Procopio (1920-2014). **Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Maringá-PR**, v. 6, n. 2, p. 86-105, 2014.
- VASCONCELLOS, J. M. O; OTA, S. Atividades ecológicas e planejamento de trilhas interpretativas. Maringá: Editora UEM, 2000.

VENTURI, Luis A. B. **Geografia:** práticas de campo, laboratório e sala de aula. São Paulo: Sarandi, 2011.